



Chrys Chrystello*

A fábula tornou-se real

Há manhãs assim, nada o fazia prever com a chuva torrencial e a trovoadas de ontem à noite mas quando me levantei neste dia 6 de novembro do ano da desgraça de 2024 a raposa estava no galinheiro e as ovelhas tinham votado no lobo....

A América (leia-se Estados Unidos) nunca me desiludiram, foram sempre capazes de grandes feitos e simultaneamente foram autores das maiores burricadas da história, umas por ingenuidade, outras por estupidez, outras por excesso de confiança.

Eleger o 45º Presidente que todos diziam estar empatado com a candidata democrata e vice-presidente será mais um marco nessa já longa história. Para mim, e os que acreditam na democracia é um dia negro a toldar de nuvens de borrasca os dias que aí virão. Sei que não serão muitos para mim, mas serão os finais e, decerto, bem tristes, como aliás aqueles que precederam o meu nascimento no pós-guerra.

Aos amigos residentes e nativos dos EUA que se mantiveram confiantes e esperançados, até ao último dia, sempre tive o cuidado de alertar para o poder das massas ignorantes e manipuláveis como aquelas que viriam a votar no regresso de Trump.

Não sei se as eleições foram livres (algumas eleições o serão nestes dias de IA e de votos eletrónicos?), nem sei qual o investimento russo de Putin neste regresso, mas não custa adivinhar o futuro da guerra na Ucrânia. Se não entrarmos numa 3ª guerra mundial (que muitos alegam já ter começado) enquanto a

China continua a bater, um após outros todos os recordes de tecnologia até ser, de facto, a primeira potência mundial, o certo é que teremos dias difíceis para a Europa, pela qual Trump (ele mesmo europeu de origem) não nutre grandes amores.

Um velho continente dilacerado por demografia decadente suprida com a crescente islamização das suas sociedades que se viram obrigadas a aceitar mão-de-obra imigrante e refugiada, sem encontrar solução para os seus inúmeros problemas, comum aumento de países membros, cada vez mais desavindos e díspares.

E nós, nestas nove ilhotas à deriva no mar Atlântico, com mais açorianos a oeste do que no velho continente, vamos continuar sendo a velha base de apoio nas instalações da ilha Terceira, a ver os aviões a passar rumo a guerras que esperamos não cheguem até nós e nos EUA os novos imigrantes vão continuar a ser acusados de comerem cães e gatos e ameaçados de devolução para os seus países de origem por roubarem empregos que nenhum americano aceitaria, e a nova maioria moralista e religiosa vai continuar a retirar direitos às mulheres, proibir o aborto e sem dúvida tornar a América grande, de novo (mas só no papel e na retórica vazia e demente do seu presidente).

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713
MEEA-AJA (IFJ)



Onésimo Teotónio Almeida

Quando se acorda e afinal o pesadelo era real

Trump venceu as eleições norte-americanas. Pronto! Ao contrário do que aconteceu quando ele perdeu contra Biden em 2020 e se recusou a aceitar os resultados, muito embora tivesse sido informado pela sua equipa de que fora uma derrota legítima e nada havia a fazer (subsequentemente confirmado pelos tribunais), ele mobilizou as suas forças para a vergonhosa invasão ao Capitólio no insidioso 6 de Janeiro. Os factos estão mais do que estabelecidos nas declarações prestadas no tribunal. Centenas de invasores estão na prisão, todavia o seu chefe escapou, usando a estratégia de apelar indefinidamente para as instâncias superiores e agora acabou reeleito com a possibilidade de se auto-perdoar de se de todos os outros seus crimes federais.

Mas a transição vai operar-se democraticamente porque Biden segue as tradicionais regras de jogo e não desce ao nível de Trump. O eleitorado escolheu essa figura que desafia todos os códigos da moralidade e da decência (para muita gente justificado em nome da Bíblia e de Jesus – ao que chegámos!!!) e, portanto, tem agora direito a um mandato de quatro anos, mais imprevisível do que o tempo meteorológico nos Açores.

A situação é absolutamente nova. O Senado é Republicano, o Congresso está a caminho de o ser também. O Supremo Tribunal, que deveria ser apolítico, é maioritariamente Republicano. O Executivo, idem. Não me lembro nunca de alguma vez isso ter acontecido nos EUA (tereí de confirmar com os historiadores, mas pelo menos nos últimos 50 anos não me recorde de ter presenciado tal cenário). No entanto, mesmo que tivesse acontecido no passado, nunca os EUA tiveram à cabeça um Presidente que não respeita a Constituição (aliás, um Presidente que não respeita NINGUÉM que discorde com ele) e faz gala disso.

Perguntam-me como antevejo os próximos anos. Não sei. E suponho que ninguém sabe. Trump tem agora carta branca para, na Casa Branca, nadar no pântano escuro e turvo que ele prometeu secar, sem haver possibilidade de intervenção por parte dos poderes paralelos, estabelecidos pelos *Founding Fathers* a fim de ficar garantido um equilíbrio democrático. Os autores da Constituição Americana nunca previra uma situação destas. Basta ler os seus escritos para

que esta afirmação fique justificada.

O perigo de uma ditadura é sério, precisamente por ter agora desaparecido esse tradicional equilíbrio dos Três Poderes, onde o bom senso acabava sempre por triunfar. Um Presidente com um cadastro criminoso registado nos tribunais, um indivíduo que deixou registos gravados de desrespeitar todas as regras que não se coadunam com o seu infantil egoísmo e a sua mais que demonstrada falta de sensibilidade aos problemas do país e do mundo, vai ser capaz de tudo.

Os americanos têm uma expressão: *Brace yourselves!* Amarremos cintos de segurança, porque vamos atravessar uma zona de grande turbulência até aqui nunca experimentada.

Em tempos, o Vice-Presidente agora eleito, J. D. Vance, acusou Trump de ser um novo Hitler. Que se cuide e porte-se bem. Trump é famoso por nunca ter sido leal a nenhum dos seus colaboradores (tudo factualmente mais que demonstrado). Acautele-se, porque Trump pode um dia cortar-lhe a cabeça. Mas ao menos no seu caso ele pôs-se ajeito aceitando concorrer com a pessoa que tanto desprezara. O pior é que Trump ameaçou fazer isso a tantos outros que nunca aceitaram cerrar fileiras com ele.

Já não me recorde de qual foi o membro do seu Gabinete, no mandato entre 2016 e 2020, que disse *Deus nos salve se este homem volta à Casa Branca!* É o que sinto neste momento. E não por ser anti-republicano nem pró-democrata. Apenas porque cresci acreditando numa sociedade moderna criada baseada em princípios democráticos em que o respeito mútuo, mesmo nas discordâncias, era o mínimo dos mínimos requeridos para o funcionamento do todo. Acreditei na América como exemplo do pior dos regimes exceptuados todos os outros (estou a citar Churchill, está visto) e chego ao fim de meio-século de vida americana com este triste desfecho.

O resto do mundo que se prepare. *Brace yourselves!* Vamos entrar numa zona de grande Trumpulência.

Para um inveterado otimista como eu, só resta esperar. O futuro já não é o que era. Resta-nos esperar que seja melhor do que promete.